



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 21, n. 4, art. 4, p. 67-93, abr. 2024

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2024.21.4.4>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Representações Femininas no Futebol: Vestígios de uma Memória Patriarcal?

Female Representations in Football: Traces of a Patriarchal Memory?

Tamara de Souza Campos

Doutora em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Professora do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Unigranrio (PPGHCA)
E-mail: tamara.campos@unigranrio.edu.br

Daniel Barbosa dos Santos Lima

Mestre em Humanidades, Culturas e Artes pela UNIGRANRIO (PPGHCA)
E-mail: danielbarbosa_rj@hotmail.com

Endereço: Tamara de Souza Campos

R Professor José de Souza Herdy, 1160 - Jardim Vinte e
Cinco de Agosto, Duque de Caxias, RJ, 25071-202,
Brasil.

Endereço: Daniel Barbosa dos Santos Lima

R Professor José de Souza Herdy, 1160 - Jardim Vinte e
Cinco de Agosto, Duque de Caxias, RJ, 25071-202,
Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar
Rodrigues**

Artigo recebido em 20/01/2024. Última versão
recebida em 15/02/2024. Aprovado em 16/02/2024.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Com a presença maior de mulheres comentaristas, jornalistas e narradoras de esportes, a cobertura do futebol feminino parece gozar de certa visibilidade. Para compreender melhor a cobertura realizada sobre o futebol feminino e se há vestígios de uma lógica patriarcal, determinamos o Globo Esporte como *corpus* de análise, mais especificamente as notícias publicadas no primeiro trimestre de 2022. O artigo apresenta um estudo de caso, com metodologia qualitativa, tendo como base a análise documental e a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin. Das 10.075 notícias publicadas no período sobre futebol, a modalidade masculina figurou em 9634, contra 441 da modalidade feminina, o que demonstra a baixa visibilidade, de apenas 4% em comparação ao futebol feminino. Das 11 categorias criadas a partir da análise de conteúdo temática, escolhemos analisar, neste trabalho, a categoria sete, “Aspectos financeiros, salários, premiação, contratação e equipe técnica”, por reconhecer que a questão da subordinação financeira das mulheres é elemento crucial para o patriarcado, o que ajudaria a compreender se ainda há vestígios do ideário patriarcal na cobertura do GE. Concluimos que houve um aumento expressivo da cobertura em março, o que sinaliza que a mulher precisa da efeméride para ser pauta, embora o site procure combater a lógica patriarcal, ainda reforça assimetrias, seja em notícias que dedicam poucas linhas à modalidade feminina, em matérias que abordam ambas as modalidades, mas que colocam apenas fotos dos homens, seja designando a modalidade feminina ao subtítulo como também ao não produzir reportagens sobre desigualdade de gênero.

Palavras-chave: Futebol; Mulher. Globo Esporte. Patriarcado. Memória

ABSTRACT

With the increasing presence of female commentators, journalists and sports narrators, coverage of women's football seems to enjoy a certain visibility. To better understand the coverage of women's football and whether there are traces of a patriarchal logic, we determined Globo Esporte as the corpus of analysis, more specifically the news published in the first quarter of 2022. The article presents a case study, with qualitative methodology, based on documentary analysis and Content Analysis by Laurence Bardin. Of the 10,075 news articles published in the period about football, men's football accounted for 9,634, compared to 441 for women's football, which demonstrates the low visibility of just 4% compared to women's football. Of the 11 categories created from the thematic content analysis, we chose to analyze, in this work, category seven, “Financial aspects, salaries, awards, hiring and technical team”, as we recognize that the issue of women's financial subordination is a crucial element for patriarchy, which would help to understand whether there are still traces of patriarchal ideas in GE's coverage. We concluded that there was a significant increase in coverage in March, which signals that women need the anniversary to be on the agenda, although the site seeks to combat patriarchal logic, it still reinforces asymmetries, whether in news that dedicates few lines to the female modality, in articles that address both modalities, but only include photos of men, either by designating the female modality in the subtitle, or by not producing reports on gender inequality

Keywords: Futebol. Women. Globo Esporte. Patriarchy. Memory

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa surge, inicialmente, da percepção de desproporção entre as notícias sobre futebol nas modalidades masculina e feminina. Isso gerou uma curiosidade para compreender o quão desproporcional seria a cobertura, em termos quantitativos, bem como detectar se nas notícias sobre a modalidade feminina existira vestígios de uma memória patriarcal masculina.

Na história do Futebol no Oriente, as mulheres praticavam esse esporte com os homens, visto que não foi uma prática restrita ao público masculino (FIFA, 2023). O futebol no Brasil, no entanto, surgiu como uma prática legítima junto ao público masculino elitizado, em especial entre jovens universitários (CORTEZE, 2015). Ressalta-se que, em meados de 1864, o futebol foi visto na Argentina e no Brasil pela primeira vez, em partidas disputadas com marinheiros franceses, holandeses e, particularmente, ingleses, das embarcações ancoradas no litoral do Cone Sul. Nessa dimensão, Unzelte (2002) menciona que uma dessas partidas foi disputada nas praias cariocas em 1874.

Os negros e pobres só começaram a ser aceitos no futebol a partir de 1924, quando o Vasco da Gama foi campeão carioca com um time formado exclusivamente por pobres e negros (COELHO, 2008, p.15).

As mulheres foram iniciadas no futebol por homens, por vezes, contra ou junto deles (BONFIM, 2019). Elas, já na década de 1910, jogaram com meninos e também por equipes compostas por mulheres. Em 1941, o Conselho Nacional de Desporto (CND) publicou um documento proibindo as mulheres de praticarem atividades, como lutas, boxe, salto com vara, entre outras (FRANZINI, 2005, p. 8).

Ao “proteger” a “natureza feminina”, a lei atendia ao apelo daqueles que condenavam a prática do futebol pelas mulheres, e ainda deixava a critério do CND a definição de quais esportes elas poderiam praticar: tênis, voleibol, críquete, natação, ciclismo - estes dois últimos desde que “praticados moderadamente” (ibidem).

A ideia era de que o esporte não era “compatível com a essência feminina”. Isso promoveu uma associação do corpo feminino à fragilidade ao Futebol, partindo-se da crença de que o esporte, se praticado por mulheres, poderia prejudicar a gestação de filhos fortes e saudáveis. Devemos lembrar ainda que o esporte em questão surgiu no continente Europeu e sua prática no Brasil veio arraigada com essa herança patriarcal europeia, o que ajudou a modelar os costumes, métodos e hábitos relacionados aos esporte. Assim, de certa forma, poderíamos considerar que a questão de classe social foi apaziguada com o passar das

décadas, mas a “colonialidade de gênero” (LUGONES, 2014) persistiria na modalidade esportiva. Mas de que forma e como?

Ressalta-se que o intuito da pesquisa não é a resolução do problema que circunda as reportagens veiculadas na mídia em questão, mas buscar compreender por que e como o patriarcado pode estar sutilmente presente nessas notícias. O diálogo aqui é importante para pensarmos em rechaçar essa possível dominação masculina patriarcal midiática em relação às mulheres que, com isso, pode perpetuar a discriminação de gênero. Essa cultura machista que busca inferiorizar a mulher precisa ser discutida urgentemente, pois a cultura machista ainda é muito presente, conforme alguns grupos masculinistas, como os Incels e Redpills.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Patriarcado e futebol

A primeira convocação pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) de um time nacional feminino ocorreu em 1988. Esse acontecimento marcante faz alusão ao ano de 1983, período que regulamentou definitivamente o Futebol feminino no Brasil, já na época da reabertura política.

A exclusão e estigma das mulheres no esporte têm suas raízes na própria questão do patriarcado. Há toda uma construção de uma imagem social de inferioridade das mulheres que é secular. No modo de viver patriarcal, as mulheres estão na condição de subalternas, oprimidas e o homem é considerado o centro da sociedade. Por sua vez, a teoria feminista argumentou haver discursos masculinos produzidos pela ordem patriarcal, responsáveis por modelar subjetividades femininas condicionadas a tornar a mulher uma categoria de Outro: obedientes filhas, boas esposas, mães compulsórias e cúmplices das violências praticadas contra elas [...] (AKOTIRENE, 2019, p. 20).

O sistema do patriarcado faz uso de tais estereótipos para dominar a mulher e fazer com que ela seja submissa aos seus mandos e desmandos. Pateman (1993, p. 43) entende que “a gênese da família (patriarcal) é frequentemente entendida como sinônimo da origem da vida social propriamente dita, e tanto a origem do patriarcado quanto a da sociedade são tratadas como sendo do mesmo processo”. Assim, o patriarcado é visto como algo “natural”, ou seja, à mulher cabe o dever de maternar, cuidar da casa e obedecer ao homem.

O patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder ou, ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de dominação

masculina ou de opressão das mulheres (DELPHY, 2009 p. 173). Essa ideia de submissão feminina, reforçada pela supremacia do homem, torna-se um dos motivos pelos quais a mulher é violentada fisicamente, moralmente, psicologicamente, sexualmente e sofre o efeito de dominação masculina como se fosse um objeto. Nas palavras de Saffioti (2001, p. 117), “[...] no fenômeno do abuso sexual, por exemplo, pode haver exploração econômica, quando o abuso visa à prostituição de outrem, como pode haver exclusivamente a obtenção de benefícios próprios, como o prazer, sem vantagens financeiras”. Nesse sentido, o patriarcado como um sistema de valor, advoga sobre o corpo feminino.

No rol de comparação salarial, a pesquisa do IBGE (2019) retrata a desigualdade, com mulheres recebendo em média R\$ 1.1985,00 e os homens cerca de R\$ 2.555,00. Somente 37,4% das mulheres ocupam cargos de comando e de gerência no Brasil e, quando ocupam, recebem 38,1% a menos, comparado aos homens, no mesmo cargo e função, de acordo com a 2ª Edição dos Indicadores sociais das mulheres no Brasil, publicado pelo IBGE.

No campo futebolístico, a disparidade salarial também afeta as mulheres. Um estudo feito pelo sindicato internacional dos jogadores de futebol (FIFPro) com atletas de diversos países, publicado em 2018 pela Agência Brasil, afirma que 49% das atletas de futebol não recebem salários e que 87% terminarão a carreira antes dos 25 anos. O relatório expõe que 1% das jogadoras cobram remuneração iguais ou maiores que 6.489 euros (R\$ 29.323,14); 9% recebem entre este valor e 1.620 euros (R\$ 7.320,62); desse valor, até 485 euros (R\$ 1.920,53), são 30% do público estudado. Outros 60 % restantes recebem de zero a 485 euros.

O referido relatório aponta que 66% das atletas de futebol que defendem as seleções dos países da pesquisa são contrárias ao valor dos prêmios recebidos nos eventos esportivos e, além disso, 42% afirmam que o valor recebido é insuficiente para cobrir as despesas.

Assim, a prática futebolística relacionada às mulheres extrapola as questões de estigma e sinalizam um problema de mercado do nicho. Obviamente, os estereótipos e o patriarcado contribuem para não retirar as mulheres da situação de hipossuficiência econômica a partir do esporte. Por tal razão, escolhemos privilegiar a temática sete na análise desse texto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Estudo de caso: Análise de notícias

Este artigo apresenta um estudo de caso, com metodologias qualitativas, tendo como base a análise documental e o método de Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin. Optou-se

por utilizar a técnica Análise Temática. Para Bardin (1977, p. 77), a análise temática remete à “contagem de um ou vários temas ou itens de significação, numa unidade de codificação previamente determinada [...]”.

Há três etapas principais: a pré-análise (coleta de informações), a exploração do material, com o tratamento dos resultados obtidos e a interferência e a interpretação. Na fase de pré-análise, as notícias publicadas pelo GE, no primeiro trimestre de 2023, foram tabuladas no excel, respeitando a ordem de publicação, do que resultou da notícia 1 a 10.075. Foram coletadas as notícias que mencionavam o Futebol Feminino direta ou indiretamente, ou seja, na maioria dos casos, o Futebol Feminino era o foco da notícia, mas há algumas incidências em que a modalidade era apenas citada. O período escolhido permitiu acompanhar um campeonato feminino inteiro, averiguar o início do campeonato feminino mais importante e abarcar o dia das mulheres. A análise utilizada foi a abordagem estatística com salto sistemático aleatório (Amostra sistemática). Peter e Calvin (1965, citados por RIBON FILHO, 2007, p.104) salientam que “[...] a amostragem sistemática é mais rigorosa, já que não há a influência do amostrador, mas há melhor cobertura da área amostrada, o que permite melhor representatividade”. Os dados foram tabulados no Excel e foi utilizado o salto sistemático aleatório (SSA). As 411 notícias foram categorizadas em 11 unidades de registro temáticas, conforme natureza do tema:

Quadro 1 – Unidades de registro temáticas.

- 1. Informações sobre calendário e jogos**
- 2. Análise de Atleta**
- 3. Projetos de Incentivo ao Esporte**
- 4. Categorias de Base**
- 5. Divulgação de torneios e ações de marketing**
- 6. Lesão de Atleta**
- 7. Aspectos financeiros, salários, premiação, contratação e equipe técnica**
- 8. Convocação para seleção**
- 9. Ranking das Equipes**
- 10. Guerra na Ucrânia**
- 11. Assédios no Futebol / (Superior Tribunal de Justiça Desportiva - STJD)**

Fonte: 2022. Elaborado pelos próprios autores.

Das 11 temáticas, 3 têm maior relação com o patriarcado, dialogando de forma mais assertiva com a pesquisa, no caso, as temáticas dois, sete e onze. Por uma questão de recorte,

escolhemos analisar, neste artigo, a temática sete. Foi adotado sorteio com intervalo sistemático (N) de 5, somando 23 notícias.

O tema 7 traz à tona a questão da remuneração pelo trabalho, permitindo verificar se há formas de opressão em relação aos homens, tanto em ganhos financeiros quanto acerca das condições de trabalho, pois a dificuldade de gozar da autonomia financeira é um dos efeitos do patriarcado, já que a mulher ficou muito tempo encarregada do trabalho reprodutivo, sem remuneração, sendo excluída de uma esfera produtiva, conforme Federici (2017).

Curioso notar que, embora o número de notícias total sobre futebol feminino tenha mais que dobrado no mês de março, muito em função do “mês da mulher”, com 218 notícias em março, contra apenas 128 em fevereiro e 95 em janeiro, na temática sete, o número de notícias despencou para apenas 19 notícias, contra 31 em fevereiro e 66 em janeiro. Isso ocorreu pela ênfase em noticiar contratações e vendas, em detrimento de notícias sobre as condições de trabalho das mulheres jogadoras, mesmo no mês da mulher.

Optou-se por agrupar as notícias, por terem similaridade no seu conteúdo e por permitirem verificar, por exemplo, se há formas de opressão em relação aos homens. Foram divididas em 3 subseções, sendo a primeira: 1) “contratação de técnicos e supervisora”, com 9 notícias; 2) a segunda subseção é “contratação de jogadoras”, com 10 notícias; e 3) a terceira é “patrocínio e investimento no futebol”, com 4 notícias.

Notícia 12 - **Guardiola, Mancini e Tuchel disputam o prêmio The Best de melhor técnico** - Fifa anuncia finalistas ao troféu de melhor treinador da temporada. Luís Cortés, Emma Hayes e Sarina Wiegman concorrem ao título no futebol feminino.

A notícia apresenta os finalistas para os melhores técnicos do mundo para o futebol masculino e feminino. As finalistas e os finalistas são técnicos de times Europeus. A seleção foi feita por uma votação composta por técnicos e técnicas de todas as seleções nacionais (masculina e feminina), os capitães de seus respectivos times, um jornalista registrado pela Fifa e torcedores. Vale destacar que, antes dessa finalíssima, tinha-se apenas um técnico da América do Sul (Argentina). Ademais, o editorial anuncia também os finalistas masculinos e femininos para o prêmio The Best (reconhecimento de melhor treinador (a) do ano).

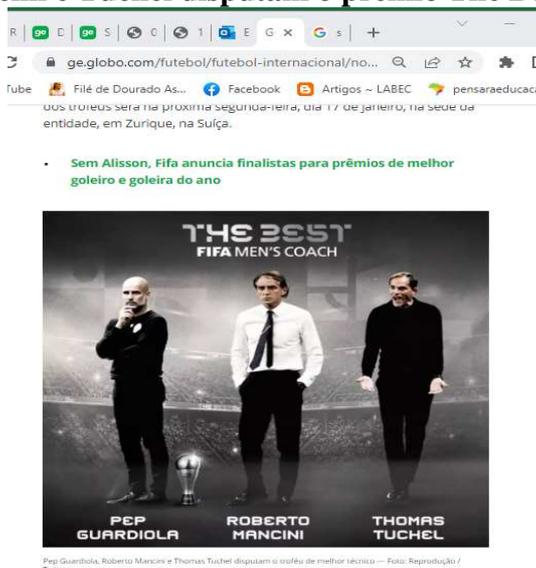
Verifica-se que não há paridade ao mencionar os técnicos homens e mulheres. Dentre os 5 parágrafos, somente no 1º e no 5º homens e mulheres são enfatizados, já que o prêmio é para ambas as modalidades: “[...] A Fifa divulgou nesta quinta-feira os finalistas aos prêmios The Best de melhores treinadores do mundo para o **futebol masculino e o futebol feminino**. O Chelsea emplacou seus dois técnicos principais: Emma Hayes e Thomas Tuchel”; “A Fifa

vai anunciar nesta sexta-feira os **finalistas entre os jogadores e as jogadoras** para os principais prêmios The Best [...] (GLOBO ESPORTE, 2022, grifo nosso)”. O 4º relata fatos comuns e não faz referência ao gênero. O 2º e 3º enfatiza apenas a modalidade masculina. Ou seja, percebemos nessa notícia as mulheres de modo periférico, com bem menos espaço no texto que os homens. O próprio título da notícia só menciona a disputa de melhor técnico do masculino, estando no subtítulo a disputa do feminino. Sabemos que o subtítulo, hierarquicamente, goza de menos força e visibilidade que o título no jornalismo e, neste caso, é uma alegoria que representa a própria situação subalterna das mulheres no futebol.

Do plano imagético, também há o destaque para figuras masculinas e caucasianas, o que vai ao encontro dos estudos da “colonialidade do poder” proposto por Quijano (2005).

Esse modo de produzir conhecimento, como se os europeus tivessem a exclusividade da sapiência como treinadores de futebol, é uma visão eurocêntrica, fundada na crença da superioridade do modo de vida e do desenvolvimento europeu-ocidental.

Figura 1 - Guardiola, Mancini e Tuchel disputam o prêmio The Best de melhor técnico



Fonte: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/fifa-anuncia-finalistas-ao-premio-de-melhores-treinadores-do-ano.ghtml>.

Ao reduzir o espaço das mulheres no texto e suprimi-lo da imagem, transmite-se a ideia de que o futebol seria um espaço pertencente ao gênero masculino, de brancos e europeus. Nesse caso, opera-se o fenômeno dos atravessamentos de opressões interseccionais, sendo eles, de gênero, raça e localização geográfica. Para Souza e Lopes (2019), as mulheres foram privadas de educação, trabalho remunerado e escolha pessoal em uma sociedade patriarcal e machista, que as deixou por muito tempo confinadas ao lar e responsáveis por todos os afazeres domésticos e sem envolvimento político. Isso cria terreno para a

manutenção de concepções históricas do patriarcado, com o homem em uma posição de poder.

Esse tipo de veiculação jornalística põe em xeque a capacidade da mulher de mostrar o conhecimento técnico sobre a modalidade. Com isso, perpetua-se o patriarcado, os homens são massificados no esporte e os afazeres domésticos são reservados às mulheres, excluindo-as do esporte. Para Moraes (2010), o objetivo dos meios de comunicação é estimular a regulação da opinião pública por meio da divulgação de informações com determinada pauta, incluindo e excluindo temas e evitando análises mais críticas para evitar conflitos.

Notícia 97 – **Arthur Elias diz que ano será mais difícil para Corinthians, fala sobre masculino e declaração de Pia.** – Treinador ressalta competitividade ainda maior no Brasil. Sobre não ter sido indicado pela Fifa entre os técnicos candidatos a melhor do mundo, cita: “A Fifa olha muito para o futebol europeu”.

A notícia destaca a conquista da Supercopa feminina do Brasil pelo Corinthians. Relata sobre o modelo de competição implementado pela CBF, com sistema de “mata-mata”, jogo único e a cobertura pelo Grupo Globo do campeonato. Outro ponto observado pelo técnico paulista é a possibilidade de poder contar com jogadoras mais novas e assim diversificar e oportunizar o rodízio delas. Fala do planejamento que o Corinthians possui e isso é outorgado com a imensa quantidade de títulos, competitividade e dificuldade que o clube apresenta para as equipes adversárias.

Arthur Elias discorda de uma declaração da técnica brasileira Pia Sundhage e fala da possibilidade de, no futuro, atuar no Futebol masculino. Já teve proposta para atuar fora do Brasil e destaca que, no momento, está muito feliz no Corinthians.

Sobre a declaração de Pia Sundhage, no qual ela destaca que as ligas europeias têm mais competitividade em relação ao Brasil, ele critica. “Eu discordo totalmente dessa questão das nossas jogadoras não terem essa intensidade (GLOBO ESPORTE, 2022)”. Ele é contra o argumento de que o campeonato Brasileiro é inferior, e frisa que as Ligas portuguesa, espanhola e inglesa têm times fracos.

É curioso porque, embora a intenção seja a de valorizar o próprio futebol feminino, isso ocorre a partir da desvalidação da fala de uma técnica mulher por um homem, o que expulsa o preconceito geográfico pela porta e faz o preconceito de gênero entrar pela janela. Arthur disse “o que eu também fico pensando é que esse momento quando vem essa reflexão e as pessoas começam a falar sobre isso, Brasil abaixo fisicamente, falta isso, falta aquilo, a gente diminui muito nosso país, nossas jogadoras. Isso para mim é muito preocupante. Eu que

estou no feminino há tanto tempo não admito olhar para a seleção brasileira e todo mundo falar que hoje a Holanda, Espanha, Itália estão melhores que o Brasil, por exemplo [...].

O técnico paulista reforça que o importante são reforços positivos no futebol feminino, algo diferente disso dificulta a ascensão e visibilidade que o esporte merece. “[...] A gente precisa de estímulo para a própria CBF, para os clubes que estão investindo, principalmente para as nossas jogadoras, precisamos de jogadoras confiantes, encorajadas, que aproveitem esse momento do futebol feminino [...]” (GLOBO ESPORTE, 2022). Nesse viés, em relação aos campeonatos, o Técnico Arthur Elias, da reportagem 97, destaca que se o Futebol Feminino tivesse Mundial seria muito mais competitivo [...]”.

Temos o caso de um técnico que realmente quer encorajar as jogadoras e o esporte no qual atua, mas que poderia fazer isso sem desqualificar a fala de sua colega técnica, já que, como vimos, são poucas as mulheres em cargos de liderança. O ataque à colega acabou ganhando destaque, sendo indicado no próprio título da notícia.

Notícia 27 - Troca na coordenação das seleções femininas se deu por insatisfação com planejamento e custo. - Aline Pellegrino vai escolher sucessora no comando de competições femininas. Duda Luizelli diz que planejamento para 2022 estava pronto.

A edição retrata a demissão de Duda Luizelli, que comandava a pasta de coordenadora de competições femininas da CBF, sendo substituída por Aline Pellegrino. O motivo da saída divulgado pela CBF seria “algumas questões de custo” e o desejo da diretoria de seleções por mudança no planejamento. Na entrevista, Duda respondeu que não deram os motivos para a sua demissão; relatou que o planejamento do ano estava pronto (apesar do tempo curto para prepará-lo) e a decisão foi tomada pelo Comando de Seleções da CBF, do vice Gustavo Feijó e do presidente momentâneo Ednaldo Rodrigues. A atleta divulgou uma carta sobre a sua passagem pela seleção e agradeceu a todos os componentes da instituição.

Segundo Galdino, Lesch e Wicker (2022), a média de partidas de um técnico atuando no Campeonato Brasileiro de 2006 a 2021 é de 137 partidas e, durante a competição, ao menos 30 técnicos são demitidos. O tempo médio de permanência dos técnicos na elite do futebol brasileiro é de 5,8 meses. Nesse quesito, Duda foi desligada com 18 meses de trabalho. Percebe-se que, no Brasil, tem-se uma troca de técnico imediatista como parte da filosofia futebolística brasileira, pois aqui o futebol é movido mais a resultados do que propriamente a um planejamento a longo prazo e sólido, de acordo com estudo realizado por Norman (2010, citado por FERREIRA; SALLES; MOURÃO, 2015, p. 25).

É significativo destacar que a contratação de uma mulher para um cargo de comando e que as trocas são habituais no esporte. No entanto, o argumento de custo para contratar o

técnico não costuma ser acionado na modalidade masculina, e sim o de desempenho e resultados. “Troca na coordenação das seleções femininas se deu por insatisfação com planejamento e custo”. Convém acrescentar que apenas 14% das principais organizações esportivas do Brasil são dirigidas por mulheres e apenas 7% das federações esportivas têm uma presidenta (MOURÃO; GOMES, 2004). É possível perceber a preservação do homem em espaços de poder neste esporte, mitigando a ascensão feminina (COELHO, 2009). Pode-se inferir, na notícia 27, que mesmo as poucas mulheres em cargos de comando têm seus destinos decididos por homens, no caso os dois diretores. Logo, percebemos a subalternidade das mulheres na notícia como resultado da própria dinâmica econômica do campo.

Mourão e Gomes (2004) destacam que, além de pequena, a participação feminina é majoritariamente em cargos intermediários da administração esportiva e subordinada aos homens. De acordo com Kanter (1993, citado por FERREIRA; SALLES; MOURÃO, 2015, p. 24), no momento de contratação, existe uma tendência para a aplicação do princípio de similaridade denominado “reprodução homóloga”. Dirigentes e técnicos perpetuam a profissão como masculina ao contratarem apenas similares a eles mesmos; ou seja: homens tendem a optar por homens.

Notícia 52 - FAF homologa título do Ypiranga – AP, após decisão do TJD que validou final do Amapazão Feminino 2021. – Pleno indeferiu, por unanimidade, recurso do Independente – AP que poderia mudar decisão do estadual, em julgamento na noite de terça-feira (18).

A notícia fala sobre a decisão final do TJD, que foi outorgado pela Federação Amapaense de Futebol (FAF) o título ao Ypiranga – AP. O resultado veio após 30 dias da final do campeonato. Com esse resultado, o Ypiranga –AP subiu na tabela e disputará o Campeonato Brasileiro A3 de 2022.

A notícia 52 dialoga com a notícia anterior, sobre a demissão da técnica, no sentido de percebermos homens em posições de destaque em um time feminino. Treinadoras de esportes de alto rendimento nos Estados Unidos apontaram que as mulheres não são levadas a sério e são consideradas pelos demais técnicos como fracas e com nível inferior de conhecimento “[...]. Para se firmarem na carreira, elas carregam o pesado fardo da dúvida e suspeita dos homens [...]” (FERREIRA, SALLES, MOURAO, 2015). A noção de masculinidade persiste no futebol feminino, sendo “pré-requisito” para o treinamento e intimamente relacionada à liderança esportiva (ibidem). Assim, a associação do treinamento esportivo com a figura masculina é uma poderosa barreira para a aceitação das mulheres como treinadoras.

Figura 2 - Comissão técnica do Ypiranga.



Fonte: <https://ge.globo.com/ap/futebol/times/ypiranga-ap/noticia/faf-homologa-titulo-do-ypiranga-ap-apos-decisao-do-tjd-que-validou-final-do-amapazao-feminino-2021.ghtml>.

Ao analisar a fotografia da notícia 52, observa-se a subrepresentação das mulheres nos cargos de comando deste time.

Notícia 57 - **Corinthians deve ter troca na base do feminino e fica perto de anunciar ex-técnica do Fluminense** - Flu terá de se recompor após saída de Thaisan Passos, desde 2019 no clube.

Corinthians contrata Thaisan Passos, ex-técnica do time profissional carioca, para comandar a equipe Sub-20 feminino. Ela foi vice-Campeã Estadual em 2019, 2020 e 2021 pelo Fluminense e também coordena o projeto social “Daminhas da Bola”, o que facilitou a implementação das categorias de base do time. Com a saída da técnica do futebol feminino do Fluminense, o cargo ficou vago e o time não anunciou nenhuma substituição.

Em times masculinos, a vacância do técnico em elencos principais é algo raro, com a diretoria geralmente já informando o substituo logo após a demissão, o que pode nos levar à interpretação da modalidade feminina gozando de menos prestígio que a masculina.

Notícia 77 - **Técnico do time feminino do Flamengo, Luis Andrade, elogia estrutura e se encanta com torcida.** A notícia fala sobre a estreia do técnico Luis Andrade contra o Esmac nas quartas de final da Supercopa Feminina. Para recepcioná-lo, foi feito o convite para assistir ao time masculino jogando no Maracanã, um ponto curioso, se pensarmos que ele iria estar à frente do elenco feminino.

A carreira esportiva foi dedicada à Europa. Nesse ponto, poderíamos relembrar a questão do colonialismo do poder de Quijano (2005) e o colonialismo de gênero (Lugones, 2014), como uma das explicações para o destaque de técnicos portugueses e homens.

Notícia 67 - **Aline Xavi assume comando do futebol feminino do Santos** - Ex-jogadora substitui Amauri Nascimento, que aceitou convite da CBF para ser supervisor de competições femininas.

O ponto central da notícia é sobre a saída de Amauri Nascimento do Santos para ocupar o cargo de supervisor de competições da CBF, sendo substituído por Aline Xavi, que passará a ser coordenadora. Ela já atuou como jogadora, pois foi zagueira do Santos entre 2006 e 2011, quando o “Peixe” encerrou a modalidade e retornou no mês de março 2015. Em agosto do mesmo ano, foi convidada para ocupar diversos cargos, entre eles o de assistente administrativa, analista administrativa e supervisora.

Aline agradeceu ao Amauri pelos seus ensinamentos, a diretoria e comissão técnica por confiá-la ao cargo. Aline tem como meta entregar bons resultados para o clube e para os torcedores. O planejamento do futebol feminino foi feito com Amauri. A nova comandante do futebol feminino destaca que seguirá com o que foi estruturado. A notícia dá destaque para uma mulher em ascensão na carreira, embora percebamos que ela entra para substituir um homem ainda em posição mais elevada e que parece como seu tutor na notícia.

Notícia 87 – **Ferrovária oficializa saída do técnico Leo Mendes para treinar sub-16 do Palmeiras**. Ex-comandante do sub-20 da Locomotiva e da equipe feminina, Mendes estava no clube de Araraquara desde 2015.

A notícia fala sobre a saída de Leo Mendes, após atuar 7 anos como técnico da equipe feminina e do Sub-20, para treinar o Sub-16 do Palmeiras. Temos aqui mais um homem liderando mulheres, algo muito recorrente no futebol feminino.

Notícia 92 – **Cruzeiro anuncia saída do técnico Rodrigo Campos do time feminino**. O treinador, de 30 anos, foi contratado em junho do ano passado e, recentemente, saiu na primeira fase da Supercopa.

A notícia aborda a demissão do técnico Rodrigo Campos, após perder na primeira fase da Supercopa feminina, vencida pelo Corinthians. O treinador estava no cargo há 9 meses. Antes da chegada de Rodrigo, ele substituiu Marcelo Frigério, após perder para o Flamengo de virada, em Belo Horizonte. Essa notícia mostra, assim como a anterior e outras, mais uma vez como há predileção por homens como técnicos e uma quase inexistência das mulheres nesses cargos de liderança no futebol feminino. Segundo Kessler (2012, p. 246), “Ainda é fraca a participação das mulheres em esferas de poder dos clubes brasileiros e das comissões técnicas de equipes de futebol. Majoritariamente, esses espaços são comandados por homens que detêm as funções administrativas.”

Segundo subgrupo de notícias da temática 7 (Contratação de jogadoras)

Notícia 2 - De malas prontas para o futebol espanhol, Giovaninha afirma: "Quero conquistar meu espaço"- Destaque do time feminino do São Paulo nas últimas temporadas, atacante nascida em Mogi das Cruzes vai defender o Granadilla, atual quarto colocado da liga espanhola, neste início de 2022.

A entrevista relata a ida da atacante de 19 anos, do São Paulo, Giovana Marcelino, para a Espanha, onde irá defender o Granadilla Tenerife.

A notícia 2 “De malas prontas para o futebol espanhol, Giovaninha afirma: "Quero conquistar meu espaço” discorre sobre a atleta “Giovaninha”, do São Paulo. Quando criança, a sua trajetória no mundo futebolístico foi diferente da maioria das meninas, ou seja, o seu contato com a bola foi desde sempre e às outras panelas e comidinhas. “Ela ia assistir às minhas partidas. Enquanto eu estava jogando, a Giovana ficava brincando de bola com os meninos no cantinho do campo e foi continuando” (GLOBO ESPORTE, 2022). Isso demonstra que, se desde a infância as meninas tivessem acesso a qualquer prática esportiva e fossem aceitas de modo natural no ambiente futebolístico que se julga como historicamente masculinizado, algo pertencentes a heteronormatividade, a trajetória delas poderia ser diferente.

O pai da atleta não teve a visão de vincular a filha aos afazeres doméstico, do lar, de ser boa mãe, esposa ou dona de casa, atributos do patriarcado que limitam o leque de oportunidades, seja no campo esportivo, profissional e mesmo ontológico.

Percebe-se que a trajetória dessa atleta contou com uma “figura” que fazia parte do meio esportivo e facilitou a sua jornada até a fase profissional. Na categoria de base, o pai da atleta era o treinador do Jundiapéba Futebol Clube, time pelo qual ela jogou quando criança. Aqui no Brasil, o quantitativo de técnicas femininas é irrisório e a aceitação de meninas nessa seara desportiva é encarada primeiro com o estereótipo que aquele lugar não é para ela.

Por meio de um levantamento quantitativo realizado com 259 federações esportivas brasileiras, constatou-se que as mulheres constituem apenas 7% dos treinadores filiados. Além disso, em 71,4% das federações consultadas, existem somente homens como técnicos. Portanto, confirmou-se que no Brasil a representatividade feminina é muito baixa, podendo ser considerada uma presença simbólica (FERREIRA, 2012, p. 74).

Uma das metas das jogadoras de futebol do nosso país é atuar fora do Brasil para que tenham melhores condições de treinamento, mais retorno financeiro e consigam ser reconhecidas por seus talentos. Isso posto, a diferença entre as premiações no nosso país respinga na remuneração das atletas. O time campeão Brasileiro Feminino de 2021 recebeu

R\$ 290 mil, o valor corresponde a apenas 0,87% do valor recebido pelo Campeão Brasileiro de Futebol Masculino R\$ 33 milhões (UOL, 2021).

As notícias 22, 32, 37, 47 e 62 anunciam renovações, contratações e perdas no elenco, sempre dando destaque para as “craques”, similar à modalidade masculina e demonstrando que a área vem se profissionalizando.

Notícia 72 - **Zagueira brasileira Kaká é contratada como reforço do Santos.** – Jogadora foi “adotada” pelas donas do Minas Brasília no início da carreira e agora parte para primeira experiência fora do futebol do DF.

A notícia fala da contratação pelo Santos da meia Ana Carla, da goleira Anna Bia, da atacante Jane e da Zagueira Káká, de 22 anos. A trajetória profissional de Káká foi conturbada pela dificuldade de conciliar a rotina de estudos e treinos. A solução encontrada foi morar com a família da atacante Victória Albuquerque, amiga de infância e companheira de time. Nessa notícia, percebemos a dificuldade da profissionalização das mulheres no esporte e o investimento no estudo como uma carreira paralela ou complementar.

Notícia 82 - **Ex-Bahia, atacante Gadu é anunciada no Santos para a temporada 2022.** – Em dezembro de 2021, o Tricolor baiano decidiu suspender o futebol feminino e dispensou as jogadoras.

A notícia relata o reforço feito pelo Santos com a contratação da atacante de 24 anos, para a temporada de 2022. A atleta fez duras críticas à estrutura do Bahia Futebol Clube para com o futebol feminino e chegou a dizer que faltava alimentação nas viagens, o que denuncia as complicadas condições de trabalhos das jovens atletas.

Notícia 102 - **Com reforços, Flamengo estreia no Brasileirão feminino contra o São Paulo.**

A notícia fala sobre o investimento do time Rubro-Negro com as 11 contratações para a temporada 2022 e destaca a apresentação da jogadora Thaisa no seu elenco. A meta do Flamengo é chegar no patamar do Corinthians, o que demonstra o investimento de alguns clubes no futebol feminino, apontando para a hipótese de crescente profissionalização, a despeito de condições precárias, se comparado ao profissional masculino.

As notícias 22, 32, 37, 47, 62, 102 e 107 anunciam contratações e renovações no elenco bem como a venda de jogadoras para outros clubes. Tais notícias geram um efeito positivo, pois destacam a qualidade das jogadoras. A notícia 32, “Corinthians anuncia saída de Vic Albuquerque, destaque do feminino, “Tamires traça planos de atuar até os 40 anos e mostra apetite por taças no Corinthians: “Manter no topo”, por exemplo, vai além, ao apontar a possibilidade de mulheres jogadoras no auge com 40 anos sem marcas de etarismo, bem

como sinalizando planos futuros da atleta. A principal atleta do alvinegro, com aproximadamente 100 jogos, planeja atuar por mais 6 temporadas até a sua aposentadoria como jogadora. A atleta não tem nada definido após encerrar a sua trajetória nos gramados, mas está cursando o curso de treinadora da CBF. O foco da atleta é estar bem em campo. - “A ideia é seguir competindo em alto nível, manter a forma física, o apetite pelo jogo, e deixar o futuro ir se desenhando (GLOBO ESPORTE, 2022)”. Thamires pretende continuar ajudando o Corinthians a conquistar títulos e deixar um legado para as próximas gerações. Ela se dedica a cada dia mais e mais, pois as competições estão sendo bastante competitivas. Em 2021, o “Timão” conquistou a tríplice coroa, com Paulista, Brasileiro e Libertadores. Essa conquista vem ao encontro de uma gestão sólida e o apoio da torcida com o futebol feminino. Além disso, a comissão técnica é a mesma desde 2016. Um dos objetivos da atleta é a disputa da Copa do Mundo feminina em 2023, e a Olimpíada de Paris em 2024.

A notícia 82, “ex-Bahia, atacante Gadu, é anunciada no Santos para a temporada 2022”, relata o desabafo da atacante quando passou pelo Bahia Futebol Clube. Ela relata problemas básicos, como falta de alimentação para as atletas (GLOBO ESPORTE, 2022). Diante disso, muitas atletas visam ao exterior para melhores condições de trabalho para as atletas. Com esse breve apontamento, a carreira no exterior torna-se meta para as atletas brasileiras. Averiguemos o relato da atleta “Giovaninha da notícia 2”: “Sempre acompanhei o futebol espanhol [...]. É mais tático o futebol de lá, acho que vou evoluir bastante – espera a jogadora, que embarca para a Europa na primeira semana de janeiro” (GLOBO ESPORTE, 2022).

As nações do norte global, de um modo geral, têm mais capital e atraem os melhores atletas, tanto na modalidade feminina quanto na masculina. Sem os africanos e africanas, sul-americanos e sul-americanas, já tradicionalmente exploradores pelos ex-colonizadores, as ligas europeias talvez fossem bem menos atrativas. Para Lima e Barros (2022, p. 112), “o discurso decolonial visa protagonizar àquelas (es) que por um bom período da história da humanidade no futebol foram excluídas (os) de tal prática, ou seja, viveram um ‘papel’ de subalternidade dentro da sociedade e da narrativa histórica esportiva”. A colonização que o futebol sofreu e vem sofrendo com esse pensamento do norte global e colonial deve ser um campo de resistência dentro do campo futebolístico e de problematização social, pois, com a perspectiva decolonial, pode-se rechaçar a discriminação de gênero no esporte.

Ao iniciar no futebol nas categorias de base, “Giovaninha” deparou-se com outro problema recorrente nas categorias de acesso, que é a pouca existência de equipes somente femininas. Vejamos o relato do pai da jogadora: “Como a equipe do Jundiapéba Futebol

Clube não tinha divisão por sexo, jogava ao lado dos meninos e começou a se destacar” (GLOBO ESPORTE, 2022). Diante desse problema e como o pai da atleta era o treinador, isso facilitou o prosseguimento no futebol. Esse cenário de se ter um pai como treinador é atípico no futebol e os cargos de gestão na seara futebolística, na sua grande maioria, são ocupados por eles.

Sabe-se que a maioria dos cargos de comando nos clubes esportivos são ocupados por homens brancos (TONINI, 2010). Se o homem negro já sofre subordinação, imagina mulheres brancas e, mais ainda, as mulheres negras. Nesse caso, teríamos diversos sistemas interseccionais de opressão operando sobre as mulheres (CRENSHAW, 2002).

Se a mulher é “o outro do homem”, como afirmava Simone Beauvoir (2009), então a mulher negra é “o outro do outro” (RIBEIRO, 2019), pois as camadas de subalternidade que incidem sobre elas são mais numerosas e densas. Corroborando esses aspectos, “[...] a ausência de mulheres em cargos de destaque na gestão esportiva dos clubes é um ‘reflexo contextualizado’ da ausência das mulheres em ambientes públicos e políticos do final do século XIX” (SALVINI; MARCHI JUNIOR., 2016, p. 308). Com isso, a visão ainda patriarcal de gestores homens encara a carreira esportiva feminina como algo não indicado para elas, achando que o futebol é um espaço exclusivo para o público masculino.

Para Ferreira *et al.* (2015, p. 1, grifo nosso), “[...] na arbitragem, na mídia, na gestão de clubes, federações e confederações ou no **treinamento de atletas e equipe**, evidencia-se que a presença feminina é ainda muito baixa, tanto no contexto nacional quanto no internacional”. A superação de obstáculos pelas mulheres no futebol é constante, pois, no século passado, foram proibidas de jogar futebol por serem mulheres e, no século XXI, ainda é pertinente a insistência em excluí-las de setores de comando, onde há infelizmente uma hegemonia masculina.

A trajetória das mulheres futebolistas demonstra que elas tiveram e ainda precisam encarar preconceitos, serem insistentes para ter uma possível equidade no futebol praticado por homens e mulheres; e nos cargos de comando, essa tardia equidade de inserção é mais um desafio para a permanência delas. De acordo com (FREITAS, 2022, p. 36), “o preconceito com relação às mulheres que atuam em áreas não convencionais fez com que esses ofícios, quando ocupados por elas, não fossem encarados como profissão, o que submetia estas ocupações a uma baixa remuneração ou até mesmo a uma ausência dela”.

Giddens (2002) evidencia que a visibilidade de um esporte depende se ele recebe um nível satisfatório de exposição em jornais, revistas, rádio ou televisão. Um evento de alto nível que garante patrocinadores e publicidade. A receita financeira de um clube de futebol

vem de diversas formas, como a bilheteria dos jogos, patrocínio com empresas, direitos de transmissão, venda de jogadoras e premiações. A cada dia, o Futebol feminino ganha mais visibilidade na mídia. Isso é comprovado com o aumento da exibição de partidas na rede aberta de televisão e o aumento no número de competições.

É necessário que a mídia esportiva defenda o Futebol feminino com questões pertinentes, como a dominação da heterossexualidade no esporte, de modo a conscientizar que os papéis da vida privada não fiquem restritos à mulher, por exemplo, o que ajudaria a amenizar as jornadas femininas duplas e triplas.

Tendo em vista a dificuldade de grupos minoritários se reafirmarem na sociedade, as notícias meramente informativas e com objetivo de entretenimento não são o suficiente, apontando a necessidade de reportagens mais profundas e que possibilitem a denúncia da desigualdade de gênero e a reflexão sobre esse tema. Para Santos e Lemos (2021, p. 229), “O silenciamento do futebol feminino na mídia esportiva é uma consequência da dominação masculina na sociedade”. É preciso manifestar a existência feminina esportiva, buscar a igualdade de gênero e promover uma reflexão sobre a invisibilidade do futebol feminino, pois elas passaram por invisibilidade durante 40 anos, no futebol, fora os séculos de dominação patriarcal.

Santana e Badiali (2017) são contundentes e salientam a necessidade de mudança na forma de gestão dos clubes de futebol feminino, criticam o jornalismo esportivo por explorar conteúdos que geram mais lucro e apontam que a mídia esportiva nacional tem potencial para auxiliar na transformação do futebol feminino brasileiro.

Os privilégios masculinos estão enraizados na nossa sociedade e atingem todas as mulheres e em diferentes graus. Essa perspectiva em que os homens têm preferência é denominada por Pierre Bourdieu (2020) como androcentrismo. Para ele (2020, p. 12), “a dominação masculina, embasada na sociedade androcêntrica, repete comportamentos que oprimem as mulheres de forma tão corriqueira, que mesmo diante de situações intoleráveis, a vítima não percebe que é alvo”. Nessa visão, o homem é a medida de todas as coisas e, no campo futebolístico, são os representantes “naturais” do esporte.

4.2.6 Resumo e análise das notícias 7, 17, 42 e 112 do terceiro subgrupo de notícias da temática 7 (Patrocínio e investimento no Futebol Feminino)

Notícia 7 - **Salários atrasados, corte na alimentação e falta de uniformes: Vasco se pronuncia sobre problemas no futebol feminino** - Clube diz que busca alternativas para tornar a categoria autossuficiente financeiramente e que mudanças acontecerão já na reapresentação do elenco, prevista para 17 de janeiro.

A notícia narra a defasagem dos quesitos básicos para as atletas femininas do Clube poderem competir e treinar dignamente. Entre as lacunas para a manutenção das jogadoras, estão os atrasos de salários, alimentação insuficiente, falta de uniformes para treinos e jogos, centro de treinamento exclusivo para as atletas e autossustentabilidade da categoria.

Notícia 17 - Ajuste no fluxo de caixa: Cruzeiro comunica pagamento do 13º e do salário de dezembro – Aporte não foi realizado pela empresa que adquiriu as ações da SAF

A matéria explora o pagamento de salários atrasados aos funcionários (isso é recorrente e acontece há dois anos), incluindo profissionais administrativos, jogadores e jogadoras, tanto profissionais quanto das categorias de base. Recentemente o clube aderiu à SAF, que significa Sociedade Anônima de Futebol, que incentiva a migração de clubes de futebol para o formato de clubes-empresas, porém, os pagamentos ainda não ocorrem em razão dessa nova modalidade de gestão, e sim ajuste na folha de pagamento, com cortes de jogadores com altos salários, revisão de acordos e reavaliação de despesas com o futebol.

Nas notícias 7 e 17, temos a questão da gestão financeira dos clubes em pauta, algo que costuma impactar mais a modalidade feminina, alvo de menos recursos que a masculina, entretanto, vários grandes clubes do Brasil também enfrentam situações financeiras adversas e buscam novas soluções, como é o caso do próprio Vasco, citado na notícia e que também teve problemas com seu principal elenco masculino, e também do Botafogo. A questão da autossuficiência do futebol feminino é um discurso recorrente dos clubes e que acaba por sinalizar a sujeição econômica da modalidade que, rotineiramente, é apresentada como um custo “extra”, quase como um incômodo para alguns clubes.

Notícia 42 – “The Best: Christine Sinclair recebe o prêmio especial da Fifa para o futebol feminino”. – Atacante canadense, recordista de gols por seleções entre mulheres e homens, conquistou em 2021 o ouro olímpico em Tóquio.

A notícia aborda sobre o prêmio da FIFA para a atleta. Ela relata a importância da entidade pelo reconhecimento e o apoio da sua família no futebol feminino. “[...] agradecer à minha família, meus pais, que sempre me incentivaram, meu irmão. Eu estou aqui hoje porque vocês todos me ajudaram” (GLOBO ESPORTE, 2022). Em parte de sua entrevista, fala das premiações conquistadas ao longo da carreira e de inspirar gerações futuras.

A atleta já foi indicada ao prêmio de melhor jogadora do mundo cinco vezes e sua carreira esportiva foi toda construída nos EUA, com a conquista de 4 títulos nacionais. A entrevista é encerrada com a evolução e o apoio dado ao Futebol Feminino. “Nesse momento da minha carreira, sinto muito orgulho de fazer parte desse jogo desde o início, quando havia pouco apoio e um ambiente que não se compara com o momento atual, hoje sim temos apoios

e grandes competições”. As atletas têm sido muitas vezes preteridas, e meu objetivo é continuar crescendo (GLOBO ESPORTE, 2022).

A notícia gera um efeito positivo, ao ajudar a reforçar a imagem positiva de uma grande atleta mulher.

Notícia 112- Após ano de recorde, VP da base destaca trabalho e DNA: “O atleta tem que entender o Flamengo pelas paredes”. – Em dia de estreias das categorias sub-15,17 e 20, Vitor Zanelli, vice-presidente do futebol de base, do futebol feminino e de futsal do clube, projeta próximos passos da pasta.

Entrevista com vice-presidente da base, do futebol feminino e de futsal, fala sobre alguns pontos do Clube Regatas do Flamengo, como investimento, e destaca que os atletas do clube precisam se identificar e entender a história do clube. Para isso, um trabalho multidisciplinar foi feito e frases de ex-atletas e atletas atuais foram dispostas nos corredores para motivar os mais jovens. Nessa notícia, de forma majoritária e explícita, são glorificadas figuras masculinas, embora o cargo do entrevistado envolva a modalidade feminina.

Ao falar sobre a prática do Futebol, há um estereótipo positivo no que tange ao masculino, em relação ao feminino. Na infância e/ou na escola para os diferentes gêneros, indicam-se brincadeiras mais sutis às meninas e atividades vigorosas aos meninos. No esporte, essas indicações são percebidas, sendo danças às meninas e esportes robustos aos meninos. De acordo com Elsey e Brainer (2019), os currículos de Educação Física, do início ao final do século XIX, ensinavam aos alunos que as meninas eram biologicamente inferiores, mentalmente instáveis e frágeis. Ademais, os “especialistas” alertavam que a participação de estudantes femininas em atividades tradicionais, como o futebol, prejudicaria o desenvolvimento heterossexual delas e poderia afetar a saúde maternal. Ao mesmo tempo, o futebol seria amplamente admitido como um meio de desenvolver a masculinidade adequada, o que torna difícil para as meninas. Com esse pensamento, percebe-se que as meninas obtêm menos prática futebolísticas que os meninos. Isso é ratificado na notícia 112, na qual o dirigente Vitor Zanelli afirma que “A gente tem uma diferença muito grande do Futebol Feminino para o masculino, em que o garoto chega com 18 anos com oito a dez anos de trabalho. E, no futebol feminino, a garota chega com 18 anos e com três a cinco anos de trabalho, às vezes menos. Então você não tem como querer aos 18 anos uma performance média das meninas igual à dos meninos, por conta do tempo de trabalho na parte técnica”.

O diretor do Flamengo, Vitor Zanelli, enfatiza que os clubes de outros países, como Estados Unidos e Suécia, encaram o futebol de mulheres como algo tão profissional quanto o dos homens. Conforme apresentado na reportagem 7, o Clube de Regatas Vasco da Gama

apresenta dificuldade básica, com alimentação, salários atrasados, uniformes para jogos / treinos com o futebol de mulheres, tornando difícil seguir na carreira esportista e fazendo muitas desistirem desse sonho de ser atleta profissional.

Percebendo essa problemática, o Flamengo lançou o projeto “Elas Jogam”, no qual a empresa “Mercado Livre” é patrocinadora e busca ênfase total no futebol feminino e na equidade de gênero. Além disso, Vitor Zanelli fala da possibilidade de atletas profissionais e da base despontarem no mercado nacional e alerta que no Brasil não existe estímulo para que as meninas iniciem a prática do futebol desde muito cedo. “[...] A gente não tem um trabalho no feminino que comece muito cedo. Percebida essa fragilidade, o clube lançou o projeto mencionado acima (ELAS JOGAM) para diminuir esse vácuo no futebol feminino. “É isso que a gente está tentando potencializar com esse jogo. Que as meninas possam começar mais cedo [...]”, explicou o técnico.

A família de Sinclair, conforme visto na notícia 42, foi na contramão da sociedade e as incentivaram, deram apoio no esporte, quebrando o binarismo social popular, em que se indica futebol para meninos e bonecas para meninas. Partindo dessa análise, é perceptível que “o futebol na infância já aparece como elemento masculino, a menina precisa estar entre os meninos, ou parecer um ‘filhinho’ para praticá-lo, e mesmo assim terá dificuldades” (KNIJNIK; VASCONCELOS, 2003, p. 7).

O arcabouço do patriarcado dificultou as mulheres de praticarem o futebol tanto no Brasil quanto no exterior, ocasionando o afastamento do gênero feminino do campo da bola. Na notícia 112, Vitor Zanelli, vice-presidente do futebol de base, do futebol feminino e de futsal do clube regatas Flamengo, diz: “[...] A gente não tem um trabalho no feminino que comece muito cedo”. Na notícia 42, Sinclair relata sobre “pouco apoio e um ambiente que não se compara com o momento atual (GLOBO ESPORTE, 2022)”. Assim, é possível pensar que o patriarcado reforça a assimetria da visibilidade do futebol feminino em relação ao masculino. A FIFA busca superar esse cenário, seja por meio de premiações ou de pagamento de salários iguais a homens e mulheres nas próximas edições da copa do mundo masculina e feminina de 2026 e 2027, respectivamente.

Os clubes têm uma consciência de gênero e têm grande mérito por quererem vencer o patriarcado, e a iniciativa do Mercado Livre, com o Projeto “Elas Jogam”, conforme mencionado na notícia 112, busca a equidade de gênero no esporte.

Entretanto, a discrepância está presente, tanto que alguns clubes buscam maneiras de superá-la, enquanto outros não se movimentam nesse sentido ou reproduzem um discurso da falta de autossustentabilidade financeira da modalidade feminina.

De acordo com Perruci (2017), o principal problema que acomete a gestão financeira dos clubes brasileiros está na forma amadora como lidam com essa demanda. O caso do Cruzeiro, na notícia 17, foi atípico, pois cortou gastos de forma eficiente e conseguiu quitar salários. Na notícia 112, o Flamengo, por sua vez, fez um bom planejamento, conseguiu atrair patrocinadores bem como contratar jogadoras de ponta.

Outra alternativa foi a aquisição dos Clubes ao modelo SAF de gestão, conforme apontado na notícia 17 com o clube do Cruzeiro, que busca superar um gargalo no campo futebolístico, que é lidar com o futebol como uma empresa de forma mais profissional e afastar a forma pouco eficaz de lidar com a administração dos clubes. Rodrigues (2021) menciona que os projetos de clube-empresa possibilitarão mais oportunidades para levantar capital, ajudar a pagar dívidas e permitir que os clubes façam novos investimentos. A notícia em questão não abordou o quanto seria importante para o clube com a gestão via SAF para as modalidades, como o futebol feminino, que não tem a mesma representatividade e incentivo financeiro comparado ao masculino.

O foco da notícia 17 foi apenas em pagamentos de salários e aquisição de um novo modelo de gestão. O fato desse novo modelo de gestão possibilitar o aumento de receita do clube e a necessidade de investimento de forma igualitária em ambos os gêneros não foi abordado. As mulheres carregam o estereótipo de que o esporte não é o local para elas, atributos esses construídos e reafirmados pelo patriarcado.

4 CONCLUSÃO

Há uma grande assimetria em termos de visibilidade na comparação entre as modalidades masculina e feminina no futebol, com 10.075 notícias contra apenas 441. No mês em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, o número de notícias mais que dobrou em relação a fevereiro.

O desenvolvimento do Estado e das famílias monogâmicas patriarcais, na qual o trabalho doméstico da mulher tornou-se um serviço não remunerado (LERNER, 2019), reforçou o imaginário de que o trabalho desempenhado por mulheres, em casa, não era trabalho “real” e, na rua, não possuía o mesmo valor que o do homem (FEDERICI, 2017). Assim, os homens se apropriaram dos campos, do latifúndio e, posteriormente, dos corpos femininos.

Na esteira do pensamento desenvolvido por Saffioti (2013), a ausência do público feminino em setores que debatiam as questões que permeassem a sociedade, a política, a economia e os rumos da nação, impactavam diretamente nas condições em que elas viviam,

mesmo que fossem mulheres da elite. A exclusão ainda é forte para as mulheres no futebol, com salários ainda muito menores e muitas com carreiras e estudos tocados em paralelo, poucas técnicas à frente de equipe, além de condições de trabalho mais complicadas, falta de apoio de familiares e uma mentalidade de que a mulher pertence ao ambiente doméstico; todos esses fatores presentes nas notícias analisadas.

Vimos que a visibilidade move a indústria do futebol, gerando receita, patrocínio, bilheteria, direitos de transmissão, venda de jogadores e premiações Giddens (2002). Ao estudar as relações sociais, e particularmente as relações de poder presentes nos discursos associados aos esportes e especialmente ao futebol, há a necessidade de uma maior visibilidade da prática do esporte por mulheres na cobertura da mídia e de uma representação mais realística e assertiva (GOELLNER, 2005). Além disso, há uma função pedagógica e cidadã que já vem sendo desempenhada por vários veículos de comunicação para a construção de uma equidade de gênero, mas o trabalho de visibilidade deve ser intensificado para que a modalidade feminina ganhe mais espaço e poder. É de se estranhar o fato de assuntos relacionados ao “mercado esportivo e condições de trabalho”, o tema sete analisado, terem diminuído expressivamente logo no mês de março, mesmo que, na soma total das notícias, tenham sido publicadas 218 e tantas notícias em março, contra 128 em fevereiro e 95 em março. Na categoria sete, foram 19 notícias em março, 31 em fevereiro e 66 em março. Apesar de janeiro ser um mês de contratações e vendas, isso demonstra que as pautas sobre o esporte ainda seguem a linha da modalidade masculina, quando poderiam levantar pontos que ajudem na equidade de gênero.

Percebemos elementos do patriarcado no Globo Esporte, com algumas coberturas que parecem focar em ressaltar as conquistas, mas também silenciam sobre as desigualdades e reforçam a lógica patriarcal, dando menor espaço no texto para pautas que englobam as modalidades masculina e feminina, com fotos de homens e sem fotos de mulheres nas notícias, ou bem menos fotos e de tamanhos menores. Mas entendemos que a cobertura também é resultado da própria assimetria da modalidade feminina em relação à masculina no mercado do futebol, o que só pode ser superado sem preconceito e com mais visibilidade para as mulheres, a fim de que a autonomia financeira da modalidade possa ser conquistada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. B; SOARES, Alessandro da Silva. O Futebol no banco dos réus: caso da homofobia. **Movimento**, Porto Alegre, V. 18, n. 01, p. 301-321, jan./mar. 2012.

AKOTIRENE, k. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

BALZANO, O. No. **O ensino do Futebol na perspectiva decolonial**: desgastando a produção de sujeitos “pés de obra”- da formação na educação superior aos clubes esportivos. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade La Salle – UNISALLE, Canoas, 2020.

BARRETO, S. Januário. Mulheres em notícia: a cobertura midiática da seleção feminina de futebol nas olimpíadas do Brasil. *In*: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO**, 11., 2017. Anais [...]. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499457700_ARQUIVO_arti_goolimpiadasfazendo.pdf. Acesso em: 14 fev. 2023.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Lições Persona, 1977.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BONFIM, A. F. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais), Fundação Getúlio Vargas-Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC, Rio de Janeiro, 2019.

CORTEZE, K. C. **O jogo que nunca acabou**: a permanência do maracanaço no imaginário dos brasileiros e suas reatualizações contemporâneas. 2015. 120 fls. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais) – Univ. Federal de Santa Maria, RS, 07 de julho de 2015.

COELHO, J. A. G. Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva. *In*: TOLEDO, Luiz Henrique; COSTA, Carlos Eduardo (Org.). **Visão de jogo**: antropologia das práticas esportivas. 1ª Edição. São Paulo: Terceiro Nome, 2009. p. 73-92.

CRENSHAW, K. Documento para encontro de especialistas em Aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas/Centro de Comunicação e Expressão, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Dossiê III Conferência Mundial contra o Racismo.

DELPHY, C. Patriarcado (teorias do). *In*: HIRATA, Helena *et al.* **Dicionário crítico do feminismo**. 1ª edição. São Paulo: UNESP, 2009. p. 173-178.

ELSEY, B; BRAINER, L. Energizadas pelo movimento de mulheres #NiUnaMenos, as equipes de futebol feminino desafiam os patriarcas do esporte-rei da América Latina. **FuLiA**, UFMG, Minas Gerais, v. 4, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2019.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FERREIRA, H. J. **O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil**. 2012. 101 fls. Dissertação em Educação Física – Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2012.

FERREIRA, H. J; SALLES, J. G. C; MOURÃO, L. Inserção e permanência de mulheres

como treinadoras esportivas no Brasil. **REVISTA EDUCAÇÃO FÍSICA**, Minas Gerais, v. 26, n. 1, p. 21-29, jan./ mar. 2015.

FREITAS, T. C. **Futebol Feminino no município de Codó – anos 1990**. 2022. 54 fls. TCC (graduação em Ciências Humanas) – Univ. Federal do Maranhão, Codó, 2022.

FIFA. FIFA statutes: may 2021 edition. maio. 2021. Disponível em: <https://digitalhub.fifa.com/m/7e791c0890282277/original/FIFA-Statutes-2021.pdf> Acesso em: 14 fev. 2023.

FIFA. (s.d.). **History of Football - The origins**. Fonte: FIFA: <https://www.fifa.com/aboutfifa/who-we-are/the-game/index.html> FIFA. Disponível em: <https://www.fifamuseum.com/en/blog-stories/editorial/origins-greco-roman-ball-games/>. Acesso em: 04 mai. 2022.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **REV. BRAS. EDUC. FÍS. ESP.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

GOMES, E *et al.* As representações da mídia sobre a gestão feminina no Clube de Regatas Flamengo. **PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 1, n.1, p. 151-173, 2012.

GROSGOUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado – EUA**, v. 31, n.1, p. 25-49, jan./abr. 2016.

LERNER, G. **A criação do patriarcado**. História da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIMA, D. B. S; BARROS, G. S. Decolonialidade no Futebol Feminino. **Revista Biomotriz**, Cruz Alta, v. 16, n. 1, p. 107-118, jan./abr. 2022.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3), 320, 2014.

MOURÃO, L; GOMES, E. M. Mulheres na administração esportiva brasileira: uma trajetória em curso. In: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. 1ª Edição. São Paulo: Aleph, 2004. p. 305-317.

PERRUCCI, F. F. **Clube Empresa: modelo brasileiro para transformação dos clubes de futebol em sociedades empresárias**. Belo Horizonte: D' Plácido, 2017.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER,

Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SALVINI, L; MARCHI Jr., W. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, Abr-Jun, 30(2), p. 303-11, 2016.

SANTANA, A. M. P. R; BADIALI, M. F. A visibilidade do futebol feminino no Brasil: uma análise descritiva das publicações do Sportv E Planeta Futebol Feminino. *In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE*, 19., 2017, Fortaleza. Anais [...]. Fortaleza: INTERCOM, 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1871-1.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.

SANTOS, M. R. A; LEMOS, R. B. S. Mulheres e futebol: a cobertura sobre o Brasileirão Feminino no site globoesporte.com. **RICS – Revista Interd. em Cult. e Soc.**, São Luís, v. 7, n. 2, p. 224-240, jul./ dez. 2021.

SOUSA, E. S; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos CEDES**, v.19, n.48, p.52-68, 1999.

SOUZA, R. B. R; LOPES, Y. Violência contra a mulher, machismo e patriarcado no enquadramento jornalístico. **Revista pauta geral**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 19-34, jul./ dez. 2019.

RIBEIRO, D. **Lugar de Fala**. Pólen Livros: São Paulo, 2019.

TEIXEIRA, M. O. Desigualdade salariais entre homens e mulheres a partir de uma abordagem de economistas feministas. **Revista Gênero**, Niterói, v. 9, n. 1, p. 31-45, jan. mar. 2008.

TONINI, M. D. **Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)**. Dissertação (Mestrado em história social) – Univ. de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, PPG Hist. Social, São Paulo, 2010.

UNZELTE, C. **O livro de ouro do futebol**. São Paulo. Ediouro, 2002.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

CAMPOS, T. S; LIMA, D. B. S. Representações Femininas no Futebol: Vestígios de uma Memória Patriarcal?. **Rev. FSA**, Teresina, v. 21, n. 4, art. 4, p. 67-93, abr. 2024.

Contribuição dos Autores	T. S. Campos	D. B. S. Lima
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	